





## Vivência e escuta sensível: o Terreiro como possibilidade de escuta da infância afrodescendente

### Experience and sensitive listening: the Terreiro as possibility of listening to african childhood

**Jaqueline de Fatima Ribeiro**

 <https://orcid.org/0000-0001-7059-3858>  
Professora do Ensino Fundamental  
ribeirojaquelinefatima@gmail.com

**Eduardo Quintana**

 <https://orcid.org/0000-0001-7845-3227>  
Universidade Federal Fluminense  
equintana@id.uff.br

**DOI: 10.22481/odeere.v5i10.7141**

**RESUMO:** Este ensaio acadêmico sobre a infância de terreiro está redigido segundo uma leitura de mundo do Candomblé. Há muitas leituras de mundo. Nossas experiências de vida colocaram-nos diante de, pelo menos duas delas: a leitura religiosa como a do Candomblé e a leitura laica da pedagogia. No desenrolar dessas experiências observamos no cotidiano de nossas salas de aula - nos cursos de formação de professores e no cotidiano da Educação Infantil (profissionais da educação) - um grande desconhecimento sobre a população de terreiro, em especial sobre suas crianças. O texto aborda o conceito de infância afrodescendente, com base em pesquisas realizadas nos últimos dez anos pelo Grupo de Estudos e Pesquisa Educação, Diversidade e Religião em comunidades religiosas tradicionais situadas no estado do Rio de Janeiro e no estado da Bahia, cujo objetivo é identificar, levar em consideração, compreender de forma

pluridisciplinar formas de apropriação, expropriação do legado ancestral africano e afro-brasileiro. No texto trabalhamos com a escuta sensível, inspirado na abordagem italiana segundo a experiência de Reggio Emilia, e com o conceito de vivência de Lev Semenovitch Vigotsky, onde o conceito de vivência como é apreendido como caminho possível para uma educação libertadora, onde a tomada de consciência pela criança possibilita que ela entenda que é autora do próprio mundo. Uma realidade onde a escola valorize e dê visibilidade a infância afrodescendente pertencente as comunidades religiosas tradicionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** infância afrodescendente. escuta sensível. vivências. legado ancestral.

**ABSTRACT:** This academic essay on the childhood of a terreiro is written according to a Candomblé world reading. There are many readings of the world. Our life experiences put us in front of at least two of them: religious reading such as Candomblé and the lay reading of pedagogy. In the course of these experiences, we observed in the daily life of our classrooms - in teacher training courses and in the daily life of Early Childhood Education (education professionals) - a great lack of knowledge about the terreiro population, especially about their children. The text addresses the concept of Afro-descendant childhood, based on research carried out in the last ten years by the Study and Research Group Education, Diversity and Religion in traditional religious communities located in the state of Rio de Janeiro and the state of Bahia, whose objective is to identify, take into consideration, understand in a multidisciplinary way forms of appropriation, expropriation of the African and Afro-Brazilian ancestral legacy. In the text, we work with sensitive listening, inspired by the Italian approach according to Reggio Emilia experience, and with Lev Semenovitch Vigotsky's concept of experience, where the concept of experience is perceived as a possible way for a liberating education, where the taking of awareness by the child enables him to understand that he is the author of the world itself. A reality where the school values and gives visibility to Afro-descendant children belonging to traditional religious communities.

**KEYWORDS:** Afro-descendant childhood. sensitive listening. experiences. ancestral legacy.

## 1 INTRODUÇÃO

Este texto tem como finalidade discutir os impactos da leitura que os contos de fadas, notadamente os que foram retextualizados para a linguagem fílmica, Branca de Neve e Bela Adormecida, provocam na construção da identidade étnico/racial da criança. Assim, traçamos como objetivo analisar a contribuição dos contos de fadas para a formação da identidade étnico/racial da criança negra, investigando dois contos de fadas mais populares e que fortalecem uma concepção de estética que contribui para a consolidação do racismo e disseminação de práticas racistas na sociedade e consequente baixa autoestima da criança negra. Os contos de fadas aqui reportados são os da tradição oral vindos da Europa e que se popularizaram ao serem transformados em filmes de longa metragem, tornando-se, assim, ainda mais acessíveis a maior parte da população. O foco aqui privilegiado é o da recepção desses textos, seja na forma escrita ou fílmica, com uma mediação colonizada e eurocentrada, como apresentação única da tradição oral e de modelo estético, desconsiderando outras possibilidades e enaltecendo traços físicos específicos, fomentando racismos.

Segundo estudos no campo da Psicanálise, ciência que se debruça nos estudos da constituição de si, a identidade é constituída numa concepção multifatorial por conceber a interação plural de fatores biogenéticos, socioculturais, variáveis situacionais e pessoais. Assim, diante de duas vertentes contributivas: uma inata, presa a fatores hereditários, e outra adquirida, ligadas ao ambiental ou relacional, neste texto, priorizaremos essa segunda, que se dá por meio de identificação.

As discussões sobre a construção da identidade negra numa sociedade racista, como a nossa, apesar de serem levantadas pelos movimentos negros e estarem presentes no nosso cotidiano, ainda não recebem a devida atenção em algumas escolas, lares, canais midiáticos e comunidades em geral. É possível dizer que, por falta dessas discussões, muitas pessoas sofrem com problemas de autoestima, depressão, dificuldade de aceitar a própria imagem, que a levam a viver uma série de inibição social, essas questões poderão conduzi-las a uma aquisição de desajuste ao meio, assim o indivíduo não se sente confortável por

não se encontrar em um dos grupos sociais, tendo suas características inibidas por essas imposições sociais, afinal, ainda impera a estética eurocentrada em nossa sociedade.

Atualmente já se trabalha com certa diversidade nesses meios midiáticos, porém, é perceptível que os papéis ou funções das personagens que fogem ao padrão de beleza eurocêntrica não são os favorecidos, como, por exemplo o patrão que mora em um belo apartamento, a advogada que possui o carro do ano ou a família dita como perfeita. Geralmente, quem foge a esse perfil não fará o papel do(a) protagonista, mas das funções que são consideradas com menor prestígio social pela própria mídia como, por exemplo, a função da empregada doméstica, que geralmente é direcionada à personagem negra. Entretanto, essas questões não serão tratadas neste texto que se foca na linguagem fílmica de transposição da história tradicional europeia.

A Psicologia Cognitiva, trabalhada em parceria com as Neurociências Cognitivas nas pesquisas acerca da leitura na infância, colabora para a formação pessoal do indivíduo, desenvolvendo a criatividade, ludicidade, percepção e imaginação. Algumas pessoas costumam ler histórias, outras contam sem o apoio do livro e permitem que as crianças criem as cenas e personagens na sua imaginação e têm aquelas que preferem colocar a criança para assistir aos contos em desenhos e filmes.

Coelho (2005) nos conta que os contos de fadas são de origem celta e que inicialmente apareceram como poemas. A primeira coletânea de contos infantis foi publicada do século XVII, na França, diz ela, durante o faustoso reinado de Luís XIV, e nasceram para falar aos adultos. Os estudos da literatura folclórica e popular de cada nação iniciaram-se a partir do século XIX. Ainda hoje, não é raro as crianças terem, como primeira leitura esses contos e, principalmente na atualidade, com a popularização dos meios midiáticos, esses contos gozam de popularidade, pois há uma facilidade no acesso à internet por meio dos tablets, celulares, computadores e outros mecanismos que permitem acesso a informações. Quem não conhece ou nunca ouviu falar da Cinderela, Branca de Neve, Ariel, a Bela Adormecida, a Bela e a Fera e uma das mais novas releituras: A Princesa e o Sapo? São histórias encantadoras que fascinam e permitem acesso a uma dimensão extraordinária da imaginação. Mas, será que toda criança se

identifica com a estética privilegiada em tais contos, mesmo não tendo fenótipo eurocentrado? Pois, nas descrições e imagens desses contos, o padrão de beleza tende a ser pouco diversificado.

De modo geral, a criança se apropria de tal forma das histórias, que a traduz em realidade. Partindo disso, como a criança negra se reconhece diante dos contos de fadas? Como a inserção de tais contos influenciam a construção de autoimagem da criança? Esses contos podem atuar como instrumento e incentivo, contribuindo para a disseminação do racismo? Esses questionamentos levam à seguinte questão problematizadora descrita neste texto: Como os contos de fadas podem influenciar o processo de construção identitária da criança negra?

Para dar entendimento a essa questão, analisamos dois contos de fadas em especial e discutimos a questão da mediação da escola e da família na leitura desses tais textos, sejam escritos ou fílmicos no sentido da discussão sobre identidade étnico/racial e racismo.

Nas seções que se seguem, é tratado brevemente o histórico dos contos de fadas e a importância da leitura na infância. Depois discutimos o processo de construção da Identidade e Práticas Racistas na Infância. Em seguida analisamos os contos e, por fim, apresentamos as considerações finais.

## **2 LEITURA E LÚDICO**

Quando falamos em contos de fadas, logo imaginamos que são histórias infantis, atribuímos esse estilo de obras às crianças, porém não foi assim desde o começo. Os contos de fadas basicamente eram relatos e narrativas de histórias regionais, contadas pelo povo e para o povo. Para Todorov (2014), o conto de fadas é uma variação do gênero fantástico e do conto maravilhoso, no qual os usos dos elementos sobrenaturais não causam surpresa para os leitores. De acordo com Corso (2011), os contos de fadas são divergentes, porém é possível achar traços em comum entre as falas de muitos autores. De acordo com Gonçalves (2009), esses contos geralmente são narrativas populares, podendo ser real ou não, ou a mistura dos dois.

Os contos de fadas e/ou contos maravilhosos são narrativas populares folclóricas que apresentam uma mistura do real com a fantasia, permitindo à criança fazer uma busca do seu eu, ao mesmo tempo em que estabelece

uma relação com o seu meio social, pois nessas histórias as personagens vivem situações semelhantes às suas, e as resoluções são dadas de forma mágica (GONÇALVES, 2009, p. 13).

Esses contos seriam direcionados às crianças a partir do século XVIII, quando a concepção de criança começa a mudar e ela não é mais vista como um mine adulto e, sim, como criança.

De acordo com Coelho (2005), os contos de fadas fazem parte desses livros eternos que os séculos não conseguem destruir e que, a cada geração, são redescobertos e voltam a encantar leitores ou ouvintes de todas as idades e concorrem para reforçar noções de identidade e estereótipos.

Aos poucos, o termo que representava a superioridade de grupos sobre outros passou a ser associado não somente às questões de classe, mas passou a ser compreendido também como um termo que incorpora os indivíduos a determinados grupos sociais a partir de elementos identificatórios que podem ser herdados ou adquiridos (MARIZ, 2017, p. 11).

Geralmente, esses contos estão relacionados a mitos. Barthes (2001) defende que o mito é algo particular totalmente associativo de um conceito e imagem. Para ele, “o mito é um sistema particular, visto que se constrói a partir de uma cadeia semiológica que existe já antes dele: é um sistema semiológico segundo” (BARTHES, 2001, p.136), respaldado na palavra enquanto significante e signo.

Os contos tradicionais, normalmente, trabalham em cima de arquétipos e estereótipos que os deixam com características bem parecidas. Geralmente gira em torno de um herói, com o qual o leitor/ouvinte/espectador se identifica. Pessoa comum do dia a dia que tem que vencer alguma dificuldade. Pereira (2002, p, 43) nos ensina que

[...] o termo ‘estereótipo’ é formado por duas palavras gregas, *stereos*, que significa rígido, e *tupus*, que significa traço. No plano histórico, a psiquiatria do século XIX utilizava a palavra ‘estereotipia’ para se referir à repetição mecânica e frequente de um mesmo gesto, postura ou fala em pacientes que sofriam de *dementia praecox*, embora considerações históricas sugiram explicitamente que a palavra ‘estereótipo’ origina-se do jargão tipográfico, referindo-se a um molde metálico, utilizado nas oficinas tipográficas, que se destacava pela possibilidade de produzir uma mesma impressão milhares de vezes, sem precisar ser substituído, surgindo daí, por analogia, o adjetivo estereótipo, indicando algo que poderia ser repetido mecanicamente. Por essa via, o termo chegou às ciências sociais e tem sido utilizado para fazer referência à imagem por demais generalizada que se possui de um grupo ou dos indivíduos que pertencem a um grupo.

Estudos da biologia e da sociologia nos apontam que a raça humana tem a tendência a viver em grupo e a psicologia indica que é muito importante a

validação do grupo, por isso buscamos nos encaixar nos estereótipos. Geralmente os contos de fadas referem-se à vida de princesas, reis e rainhas, as histórias se reportam a uma era medieval, na qual as relações entre as classes sociais eram bastante marcadas. Sendo histórias invariavelmente europeias, retratam um modo de vida social, política, religiosa, ideológica muito próprias dos povos desse espaço geográfico que, embora sejam bastante diversificados, por muitos períodos dividiram histórias bastante semelhantes. Assim, dividem estereótipos bastante semelhantes.

Os psicanalistas jungianos estudam as figuras e os acontecimentos dos contos de fadas e mitos de acordo com fenômenos psicológicos arquetípicos. A palavra arquétipo deriva do grego e pode ser dividida em dois termos, o "arché" (ἀρχή) significando "principal" ou "princípio" e "tipós" (τύπος) que quer dizer "impressão" ou "marca". Assim, podemos dizer que arquétipo é o mesmo que antigas impressões sobre determinadas coisas. A concepção junguiana, além de aplicar este conceito na psicologia, também tenta fomentar debates dentro da narratologia.

Os contos de fadas são recheados de estereótipos e arquétipos bastante conhecidos: a princesa linda, cuja beleza é ressaltada e invejada, o príncipe valente que defende e cuida, o mal, apresentado sempre como deformado, bestial. Na história de Branca de Neve, por exemplo, a princesa, com traços estéticos marcados no texto, é a mais linda princesa do reino.

De acordo com Bettelheim (1992), enquanto diverte a criança, o conto de fadas esclarece sobre diversas coisas, inclusive levando ao autoconhecimento. Isso não se refere apenas a questões de imagem física, ajuda a entender quem somos e nosso papel psicossocial. Mas, neste trabalho, vamos nos ater à questão da imposição midiática de imagem eurocêntrica que silencia as demais imagens e culturas, concorrendo, assim, para a construção de autoimagem.

A imersão da criança no mundo literário é responsabilidade dos pais e responsáveis, além da escola. Tornar o leitor mais crítico, redundaria no fato de que quanto mais se lê, mais se percebe o vasto mundo dos livros, porém muitas famílias e escolas apresentam literatura sem diversidade, recorrendo, modo geral, aos textos já consagrados socialmente e sem acesso a textos de comunidades menos privilegiadas ou centradas na oralidade, como literatura africana ou

afrodescendente, indígena, oriental. Essa é uma prática perigosa, em que a oferta única literária garante a apresentação cultural de um único povo, única cultura e estética, provocando, assim, a omissão das outras diversas culturas existentes dos diversos povos. Para que o indivíduo se torne crítico e para que tenha suas próprias interpretações dos textos é necessário que se abra um leque para esse leitor, através, também, de mediação docente. Silva (1993, p. 47) discute que

As concepções que temos dos fenômenos, dos Processos e dos objetos existentes no mundo afetam diretamente as nossas práticas sociais. Assim, aquilo que sabemos ou pensamos que sabemos sobre o ato de ler ou, ainda, a forma pela qual concebemos ou lemos a leitura enriquece ou empobrece, dinamiza ou paralisa, dirige ou desvia, conscientiza ou serve para alienar as ações relacionadas com a formação de leitores

A literatura, enquanto ação lúdica é de muita importância para a formação pessoal, escolar, social do indivíduo. De acordo com Luckesi (2002), a ludicidade é qualquer atividade que proporciona prazer quando praticada e, nas crianças, parte da imaginação, que primeiro elabora brincadeiras e depois executam. Essa elaboração tem muito a ver com vivências pessoais e interpessoais, quando existem pensamentos racistas, isso vai se refletir nas brincadeiras, nas palavras e nas ações.

As atividades lúdicas, por serem atividades que conduzem a experiências plenas e, conseqüentemente, primordiais, a meu ver, possibilitam acesso aos sentimentos mais indiferenciados e profundos, o que por sua vez possibilita o contato com forças criativas e restauradoras muito profundas, que existem em nosso ser. A vivência dessas experiências, vagarosamente, possibilita a restauração das pontes entre as partes do corpo, assim como a restauração do equilíbrio entre os componentes psíquicos-corporais do nosso ser. Na atividade lúdica, o ser humano, criança, adolescente ou adulto, não pensa, nem age, nem sente; ele vivencia, ao mesmo tempo, sentir, pensar e agir. Na vivência de uma atividade lúdica, como temos definido, o ser humano torna-se pleno, o que implica o contato com a posse das fontes restauradoras do equilíbrio (LUCKESI 2002, p. 48).

Assim, tanto as brincadeiras quanto as leituras literárias contribuem diretamente para a formação pessoal e social da criança e para o desenvolvimento de sua criatividade, além de inseri-la no contexto cultural em que vive. Um bom leitor dialoga com as ideias do autor, pois a leitura é uma forma de interação, porém cada indivíduo interage de uma forma diferente. Existe uma relação entre o leitor e a obra que gera aprendizados variados, conforme o conhecimento de mundo do leitor e da mediação que ele experimenta ao

dialogar a obra com outros leitores.

Nesse universo, podemos pensar a leitura como um domínio no qual o indivíduo se apodera e adquire conhecimento. A leitura feita com prazer proporciona aprendizado de si, da sociedade em que vive e em outras tantas culturas além daquela em que vive e, assim, promove entendimento de si no mundo e de autoconhecimento e construção de identidade psicossocial.

### **3 PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE**

Falar de identidades tem se tornado cada vez mais um tema atual e debatido, porém em meio a tanta discussão, o tema não deixa de ser algo complexo que nem sempre é compreendido pela sociedade.

O próprio conceito com o qual estamos lidando, "identidade", é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova (grifos do autor) (HALL, 2006, p. 8)

Apesar dessa complexidade, falar sobre questões indenitárias é algo extremamente necessário, pois não deixa de ser um tema atual e presente na vida do indivíduo. O antropólogo Munanga fala da identidade como uma realidade sempre presente.

A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA, 2003, p. 177-178).

A sociedade contribui de uma forma muito direta na formação da identidade do cidadão. Esse processo inicia-se desde a infância. E a maior parte da infância é vivida nas comunidades escolares, nas quais se encontram um grupo muito grande de diversidade cultural, de raça/etnia, religião, gênero e outras mais, de acordo com Hall (2006), a identidade é formada pela interação entre o eu e a sociedade. Assim,

A reflexão sobre a construção da identidade negra não pode prescindir da discussão sobre a identidade enquanto processo mais amplo, mais



complexo. Esse processo possui dimensões pessoais e sociais que não podem ser separadas, pois estão interligadas e se constroem na vida social (GOMES, 2005, p.45).

Muitas crianças não são ensinadas, orientadas a reagirem frente a situações diversas em respeito às diversidades e quando se deparam com certas realidades da agressão social contra o negro podem acabar aceitando algumas ofensas como verdade e se sentirem inferiores frente à sociedade branca, ou reforçar essas agressões para se sentir pertencente ao grupo. Para Gomes (2005, p. 43), “construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros (as)”.

De acordo com Gomes, esse processo de construção positiva da identidade negra é historicamente combatido pela sociedade branca, uma vez que tem sido ensinado ao negro que a prática de negação é uma ação que pode possibilitar o seu ingresso de alguma forma para ter aceitação social. Portanto, construir essa identidade é um desafio diário, pois requer afirmação constante, é olhar-se no espelho e se reconhecer, mas para isso é importante que o indivíduo passe pela desconstrução da ideia europeia de imposição estética e passe a acreditar na sua beleza.

Muitas crianças brancas, por terem características similares às dos livros de histórias infantis, das propagandas, filmes, novelas e desenhos animados acabam fazendo uma autoanálise indenitária que as levam a perceber que nessa sociedade possuem algumas vantagens em relação às crianças negras. De acordo com Gomes (2005), a identidade não se prende apenas ao nível da cultura. Ela envolve, também, os níveis sócio-político e histórico em cada sociedade.

Dessa forma, a ênfase na identidade resulta, também, na ênfase da diferença. Ao mesmo tempo em que a busca da identidade por parte de um grupo social evoca a diferença deste em relação à sociedade ou ao governo ou a outro grupo e instituição, ela possui um processo de elaboração e diminuição das diferenças internas do próprio grupo e dos vários grupos que formam, naquele momento de reivindicação, um Único sujeito político (GOMES,2005, p. 41).

De acordo com Gomes (2005), o indivíduo precisa se reconhecer parte de um grupo e se afirmar no mesmo. É uma necessidade humana fazer parte de grupos sociais, mas é uma necessidade pessoal se sentir parte desse grupo. A

identidade negra é entendida, segundo esse autor, como uma construção social, histórica, cultural e plural. “Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro” (p. 43).

A construção das identidades é processual, inerente ao indivíduo, pois esse processo é auxiliado pelos contextos em que essa pessoa está inserida e os grupos sociais que a rodeiam. No percurso da construção da identidade negra, essas questões requerem um esforço maior, pois a busca dessa construção indenitária é marcada por muitas questões políticas, reafirmação diária e luta constante.

Por fim, a construção da identidade se dá em um processo gradativo e contínuo, em que questões sociais, culturais e familiares fazem parte desse processo e conviver harmoniosamente com as diferenças étnicas, sociais, econômicas, religiosas e culturais faz parte desse processo. Assim, a questão da identidade negra não pode dizer respeito somente a pessoas etnicamente negras, precisa estar na pauta da discussão de qualquer sociedade.

### **3.1 PRÁTICAS RACISTAS NA INFÂNCIA**

Falar sobre racismo ainda é um assunto muito limitado nas escolas e quando comentada a temática em sala de aula é comum que seja resumido apenas à cor da pele ou cabelo, esquecendo-se de aprofundar o assunto, debatendo questões que fazem parte da discussão, como por exemplo, a construção da identidade étnico racial da criança negra, assim como a autoestima e auto aceitação. A imersão de variedades literárias, as quais ensejem culturas diversas, os diálogos formais e informais, o conhecimento e reconhecimento cultural e as práticas cidadãs podem auxiliar para o fim da divisão da humanidade. De acordo com Munanga:

O racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estes últimos suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais (2003, p. 7).

Os processos de construção das identidades perpassam por uma série de assuntos, dentre eles estão as questões culturais. No progresso do desenvolvimento

do autoconhecimento, o conhecimento cultural tem papel central, pois quando o indivíduo passa a conhecer sua cultura, ele começa a compreender histórias, costumes e valores, começa a perceber sua importância e nortear as suas escolhas mediante tudo aquilo que a ele foi apresentado.

O racismo não nasce junto com a criança, ele é embutido no contexto e comportamentos, através do contexto em que vivem. De acordo com Vygotsky (1992, p.128) “a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável do pensamento realista”. Quando contamos uma história para uma criança, ela primeiro imagina, depois idealiza e, ao mostramos as imagens do livro, a criança faz um comparativo com o que imaginou, o que viu no livro, com a sua imagem, a dos colegas e o que tem ao redor. O livro é um ótimo aliado para o incentivo da imaginação, comportamento, inspirações de profissões e principalmente inspirações estéticas. Mas, para isso, é preciso que haja diversidade na oferta de leitura.

De acordo com Libâneo (1994), a educação da qual a sociedade necessita, assegura a todos a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã, possibilitando ao educando uma relação autônoma, crítica, democrática e totalizadora que acontece, também, por meio de um professor atuando em um ambiente escolar que favorece esse aprendizado, ele defende que a aprendizagem está nas novas formas educacionais. “É responsabilidade dos pais e educadores proporcionar às crianças a satisfação de suas necessidades” (ROSSINE, 2003 p 16).

As crianças brancas, vivendo em lares racistas, fortalecem seus pensamentos racistas involuntariamente, percebendo que são parecidas com as personagens das páginas do livro. Já quando negras, fazem comparações entre elas e as imagens do livro, acabam acreditando que a imagem que veem no espelho é uma imagem negativa que fica longe do “felizes para sempre”, conforme reflete Gomes (2005, p. 46)

O fato é que essas relações pessoais contribuem para a desenvolvimento do indivíduo e auxiliam na construção da sua formação pessoal. De acordo com Gomes (2005), a influência maior se inicia no grupo familiar, no qual a criança recebe suas primeiras informações sociais, a partir daí essas informações vão ramificando. A prática racista é extremamente séria e pode provocar danos

psicológicos àquelas pessoas que sofreram com esses abusos e, também, para as que dela praticam, tornando-as pessoas com dificuldades de traquejo social, por exemplo, uma vez que desrespeitam as diferenças.

#### 4 PERCURSO METODOLÓGICO

Nessa seção, será feita uma análise dos contos de fadas Branca de Neve e A Bela adormecida. Os autores com quem iremos dialogar nessa seção são Corso e Corso (2006).

De modo geral, o conto de fadas a Bela Adormecida apresenta a história de uma princesa, filha primogênita de um casal real. No dia do seu nascimento, é feita uma festa para celebrar o nascimento da menina e muitas pessoas do reino foram dar as boas-vindas, dentre essas visitas estavam três fadas que se chamavam Fauna, Flora e Primavera. Cada fada estava incumbida de dar um dom à pequena princesa. Na história da Branca de Neve, a menina também trouxe muita alegria aos seus pais, pois além de ser uma criança desejada, nasceu com as características físicas iguais aos dos desejos de seus pais

As histórias começam muito bem, pois ambas as meninas eram filhas desejadas. Branca de Neve nasceu exatamente com as cores que a imaginação de sua mãe a pintou; e Bela Adormecida teve sua chegada ao mundo celebrada num luxuoso batizado, em que as fadas dotaram-na de todos os encantos que uma mulher pode ter. Essas princesas têm o privilégio de corresponder em gênero e número ao desejo parental (CORSO E CORSO, 2006, p. 76).

O autor se refere à festa de boas-vindas feita para receber a pequena princesa Aurora, momento em que ela recebeu visitas para a celebração, mas, uma coisa que chamou muito a atenção foi na distribuição dos dons. Foi entregue à pequena princesa como prioridade o dom da beleza, “a ela avançaremos com um só presente, nem mais nem menos, o meu dom será o dom da beleza” falou a fada Flora<sup>1</sup>. A fadação da tal fada revela como são valorizadas e priorizadas as questões da estética sobre outras tantas questões que poderiam ser priorizadas nesse momento, como saúde e inteligência. Uma visita ilustre de três fadas, na possibilidade de qualquer outra coisa com mais prioridade pudesse ser pedido ou entregue, o dom liberado foi referente à beleza física, com aspectos próprios da

---

<sup>1</sup> Em referência ao filme da walt Disney Bela Adormecida.

cultura na qual a história se insere: cabelos loiros, pele branca, olhos claros, lábios rosados. Características muito parecidas (exceto o cabelo e cor dos olhos) com as de Branca de Neve, que é considerada também um ícone de beleza e dita como a mais bela entre as mulheres, de acordo com o espelho que não podia mentir.

De acordo com Corso e Corso, a beleza das mulheres não era bem vista pelos cristãos na cultura medieval, isso antecede ao período em que os contos foram direcionados às crianças.

Na cultura medieval cristã, a beleza feminina se identificava ao maligno, à influência do demônio, o que vem a ser o coroamento de uma longa carreira de preconceito para com a mulher. Como os contos de fadas desde sempre foram sacralizados, nunca foram muito afetados por essa visão cristã da beleza como um problema (como o esconderijo do diabo): a beleza era sempre um bom sinal, e a feiura, o signo dos maus (CORSO E CORSO, 2006, p. 79)

Já nos contos, que se consagram na idade moderna, pós idade média, a beleza é direcionada também às princesas, enquanto símbolos de coisas boas e desejadas socialmente.

No conto da Branca de Neve, o motivo de tanto ódio da madrasta é explicitado no decorrer da narrativa, já na história de Aurora, o motivo não é tão claro, pode ser pelo fato da Malévola não ter sido convidada ou por outras questões que não ficaram tão visíveis. Porém, como esses contos se relacionam pelas características semelhantes das princesas e as duas serem tão belas de acordo com as próprias histórias, essa questão fica subentendida, tendo em vista que são belezas estéticas selecionadas, com padrões europeus e deixam claro a exclusão de qualquer outra beleza que não seja enquadrada a esse estereótipo que se adequa à insistente manipulação social de dizer o que é o adequado, praticamente qualificando-as como belezas eternas que não são superadas ou vencidas mesmo após a morte.

No entanto, a questão principal não é o tipo de beleza que esses contos mostram, pois como são contos europeus, as características das personagens tendem a ser europeias. Mas o ponto chave é que esses contos, através de suas histórias, que são por sinal bem interessantes, possuem uma tendência a enfatizar as características da beleza europeia. Assim, como uma criança negra, que só conhece esse tipo de história, por ter sido vedada de alguma forma a se relacionar com outros contos como por exemplo contos diversos da cultura oral africana ou

afro-brasileira, irá acreditar nas suas próprias características e beleza, sendo que não são retratadas nos chamados contos maravilhosos? Vai daí a importância da diversidade de experiências literárias a que as crianças precisam ser apresentadas. Um conto, representa uma cultura, para uma educação para a diversidade e respeito às diferenças, eles precisam ser apresentados em sua diversidade.

Os autores Corso e Corso fazem referências a uma cena muito marcante da história da Branca de Neve que é o momento da sua morte e a exposição do seu velório.

Apesar de morta, a jovem parecia estar apenas adormecida, mantendo-se rosada como em vida. Por isso, os anões decidiram colocá-la em um féretro de vidro, onde pudesse ser contemplada por quem passasse, enquanto eles velavam e montavam guarda ao seu lado. Não demorou muito para que um jovem príncipe passasse por ali e ficasse fascinado com a sua beleza inerte (CORSO E CORSO, 2006, p. 79)

Há uma insistente preocupação por parte dos autores desses contos em manter a beleza sempre evidenciada e resguardada, para reforço desse pensamento é só observar a chegada de uma bruxa muito má que entra no reino para amaldiçoar a menina, mas antes da maldição, Malévola, a bruxa mais temida do reino por fazer tanta maldade, fala que: "a princesa crescerá em graça e beleza" a bruxa muito gentil se preocupou em evidenciar a importância da beleza e trouxe como prioridade antes da maldição que a beleza estética vem em primeiro lugar.

Como é possível uma pessoa com tanto ódio e raiva de alguém se referir sempre a essa pessoa com elogios às suas características físicas? Sempre que Malévola, por exemplo, fada má da história de Bela Adormecida, iria se referir à princesa, ela usava falas como "cabelos da luz do sol, lábios rubros como as rosas" ou "ela tem o brilho do sol nos cabelos". Percebe-se, nas narrativas, a necessidade constante de tornar a estética fenotípica de beleza, invariavelmente, algo ligado às características marcantes do povo que conta a história: europeus. Vai daí a questão que se coloca de se apresentar somente essas histórias como se fossem únicas, assim como vemos em Chimamanda (2019), que argumenta sobre o perigo de uma história única, uma única fonte de influência, de uma única forma de se contar histórias, de se considerar como verdadeira a primeira e única informação sobre algum aspecto, pois isso, segundo a autora, abre perspectiva para o tratamento do africano e seu continente pelo olhar ocidental homogeneizador e

da imersão na estereotipização contínua e discriminação das identidades culturais inferidas pelos inúmeros instrumentos de controle às pessoas, tais como as narrativas fantásticas.

Se a identidade negra é construída por várias questões sociais que perpassam por inúmeras vertentes históricas, culturais, políticas, inclusive literárias, é entendido que a criança passe por dificuldades de aceitação e falta de auto reconhecimento nesse processo indenitário, se na sua trajetória de construção houver omissão dos diálogos, reconhecimentos e conhecimentos históricos/culturais e, como dito aqui, a oferta diversa da literatura infantil que se faz necessário incluir não somente as europeias, mas também as de origens brasileiras e africanas. De acordo com Gomes (2005), enquanto sujeitos sociais, é no âmbito da cultura e da história que definimos as identidades sociais. É compreensivo que crianças negras cresçam com uma série de dificuldades de reconhecimento e tentem se punir pela sua aparência que em sua maioria não está presente nas publicações midiáticas, disponibilizadas amplamente. Entendendo isso, é importante que se reforcem todas essas questões citadas acima, para que essa criança comece a se perceber, se reconhecer, se aceitar e, por fim, se amar.

A literatura faz parte do processo da construção indenitária, desse modo, escolher adequadamente os livros literários infantis é uma prática importante, pois esses livros podem contribuir diretamente na formação pessoal e social da criança e, através da mediação, constrói, também, uma consciência crítica sobre o mundo, sobre si e sobre as diversas culturas que o rodeiam. Quando nos tornamos seres mais críticos, aprendemos a fazer distinção entre aquilo que nos impõem e o que queremos e acreditamos, diferenciamos o que é uma suposta ou inocente brincadeira de uma prática racista

Bettelheim (1992) fala que os contos maravilhosos divertem as crianças e, nesse processo de diversão, eles também vão esclarecendo questões voltadas para o autoconhecimento. É muito complexo tentar se encaixar em um grupo ao qual o indivíduo não se sente pertencente, a sociedade tende a direcionar, qualificando a qual grupo a pessoa pode ou não fazer parte, a seleção é feita por características físicas, sociais, culturais.

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a

esperança. A esperança de professor e alunos juntos podermos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabado, primeiro o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança (FREIRE 2002, p. 29).

A pessoa que não escuta discursos diferentes, acredita em verdades plenas e tenta se moldar à estética, ideologia e filosofia imposta. Conforme Brandão (1981, p 11), a força da escola é de que ela “participa do processo de produção de crenças e ideias, de qualificação e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedades. Dessa forma, a própria subjetivação do sujeito passa a ser resultado de uma constante e incessante busca de tornar-se uma mercadoria desejável ao outro (BAUMAN, 2008).

Nessa perspectiva, não basta ler a história da Branca de Neve, a pessoa que lê, sente-se compelida a parecer-se fisicamente com ela, pois ela é a encarnação do êxito por determinação própria: mesmo princesa, linda, enfrenta uma floresta ameaçadora e se dispõe a cuidar da casa de sete anões em troca de casa, alimento e segurança e, mais importante, depois disso tudo, retoma sua realeza, casando-se com o príncipe que a resgata da morte. Para Bettelheim (1980, p. 16), “a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida”. É fato que as histórias não se reduzem ao que dizem, elas proporcionam uma viagem psíquica que leva ao autoconhecimento e, por si só, não são capazes de determinar que uma pessoa desenvolva autoestima negativa ou positiva, pois, para isso, concorre todo um conjunto de situações psicossociais.

Daí que retomamos e concordamos com Chimananda (2019) com o perigo de uma história única, tanto no campo da cultura, da estética, ideologia, quanto no campo familiar, afetado por isso e muito mais, pois tudo concorre para o desenvolvimento da autoimagem. Os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividades e neles se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo, conforme nos ensina Gomes (2005, p. 46).

Assim, como em outros processos indenitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais



íntimo, no qual os contatos pessoais se estabelecem de sanções e afetividades e onde se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente este processo se inicia na família e vai criando ramificações.

Negar-se é concordar com o que está posto, é não ir à luta e se dar por vencido, é simplesmente aceitar imposições sociais e ficar calado, de olhos vendados, andando na beira do precipício, no risco eminente de uma queda a um passo à frente. Entretanto ir à luta é dizer quem é, é lutar sem armas nas mãos, é ensinar o outro sobre respeito, diversidade, pluralidade, irmandade e igualdade, pois, concordando com Durkheim (1975, p. 244),

Nada mais resta que os homens possam amar e honrar em comum senão o próprio homem [...]. E como cada um de nós encarna algo de humanidade, cada consciência individual encerra algo de divino e fica assim marcada por um caráter inviolável para os outros.

A luta contra o racismo, preconceito, desrespeito é constante, mas se as crianças aprenderem desde cedo a respeitar a raça humana, conseguiremos exterminar essas práticas, diminuir a desigualdade e proporcionar uma melhora de vida para a humanidade

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio desta pesquisa, buscamos respostas para o questionamento: como os contos de fadas podem influenciar na formação da identidade étnico racial da criança negra?

No propósito de buscar respostas para esse questionamento, traçamos como objetivo: analisar a contribuição dos contos de fadas para a formação da identidade étnico/racial da criança negra, investigando dois contos de fadas mais populares e que fortalecem uma concepção de estética que contribui para o fortalecimento do racismo e disseminação de práticas racista na sociedade e consequente baixa autoestima da criança negra.

Para isso, as discussões giraram em torno da construção identitária por meio de duas obras: Branca De Neve e Bela Adormecida, nas quais debatemos questões voltadas para a construção da identidade étnico racial da criança negra, as práticas racistas na infância, auto aceitação e o perigo da oferta única de obras

literárias de determinado grupo social e cultural, em detrimentos de outros tantos, o que pode gerar uma série de transtornos no processo de construção identitária, tendo em vista que a criança dialoga psicossocialmente com tudo aquilo que lê, ouve e vê.

Nesse contexto, a escola tem importante papel ao levantar discussão sobre bullying, racismo, preconceito, identidade e aceitação pessoal. Existem tantas formas de alcançarmos os alunos para que eles se envolvam em debates sociais, pode ser através de brincadeiras, rodas simples de conversas e redes sociais. É importante trazer dinamicidade e alegria para se tratar dos assuntos que fazem parte desse cotidiano, levando diversidade às salas de aula.

Por essas questões, se faz necessário a mediação tanto na escola quanto no seio familiar e comunitário para que questões voltadas para a construção da identidade e aceitação pessoal sejam debatidas de forma abrangente e descontraída, sem perder a seriedade e a ludicidade. Família, comunidade e escola mediando de forma conjunta questões sobre diferenças, entendendo que isso faz parte do processo educacional, a ocorrência de casos de autoimagem negativa e, mesmo, discriminações, sem dúvida diminuiria. E essa discussão não pode se restringir à grupos historicamente marginalizados e estigmatizados, é preciso também mediar esses conhecimentos com a parcela da população que se vê representada estética, cultural e ideologicamente, esses também merecem o conhecimento do prejuízo de uma história única.

Entendemos que, para chegarmos até aqui, ocorreram lutas há muito tempo que nos auxiliaram na garantia de muitos direitos que atualmente possuímos, como, por exemplo, o ingresso na universidade pública, lutas marcadas por muito sofrimento, discriminação, ódio e morte, que vêm sendo vencidas pouco a pouco. Apesar de tantas conquistas, o nosso país está passando por um momento de retrocesso, através de ações políticas que invalidam as conquistas sociais, econômicas, culturais que haviam sido alcançadas no Brasil, tais como as citadas anteriormente. A luta é contínua e progressiva e constante, por isso é importante que as crianças negras sejam incluídas nas discussões sobre racismo, que elas percebam a real situação que é ser negro nesse país que é tão discriminatório.

As crianças negras precisam ser ensinadas, orientadas a se reconhecerem como pessoas que podem fazer sua escolha, para assim conquistar seu lugar na

sociedade. É necessário que indivíduos se reconheçam como sujeitos que fazem parte da história, do processo de construção identitária e que podem ser influenciadores no auxílio da construção da identidade de outros indivíduos, nesse contexto do âmbito social que é tão diverso.

As crianças negras precisam saber que também existem princesas negras de cabelos crespos que se parecem com elas, livros como, *Meu Crespo é De Rainha*, de Bell Hooks, *Meninas Negras*, de Madu Costa, *O Cabelo De Cora*, de Ana Zarco Câmara, *Pretinha De Neve e Os Sete Gigantes*, de Rubem Filho, trazem oferta diversa de experiência estética e literária que contribui para o processo de aprendizagem sobre as diversidades culturais, reconhecimento de si perante o diverso, conhecimento de novas possibilidades de ser e agir, pois aprendemos vivenciando o aprendido, experiência que a literatura oral e escrita nos oferece. A partir daí, começamos a dialogar nossas escolhas.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **Mitologias**. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CHIMAMANDA, Ngozi Adichie. O perigo de uma história única. Trad. [Julia Romeu](#). São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil Teoria Análise Didática**. 7ª edição. São Paulo. Moderna, 2005.
- CORSO, Diana Lichtensein. **A psicanálise da Terra do Nunca: ensaios sobre a fantasia**. Porto Alegre: Penso, 2011.
- CORSO E CORSO, Diana Lichtensein, Mario. **Fadas no divã, psicanálise das histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed. 2006.
- DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. 10ª ed. Trad. De Lourenço Filho. São Paulo, Melhoramentos, 1975.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

GONÇALVES, Laiza Karine. **A leitura do conto de fadas e o desenvolvimento do imaginário infantil.** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Faculdade de Letras programa de pós-graduação em letras. 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática e aprendizagem.** São Paulo: editora Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Educação, ludicidade e prevenção das neuroses futuras: uma proposta pedagógica a partir da Biossíntese.** In: LUCKESI, Cipriano Carlos (Org.). Ludopedagogia: Educação e Ludicidade. Salvador: UFBA, Faculdade de Educação, Gepel, 2000.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** In: Seminário nacional relações raciais e educação Penesb. Rio de Janeiro, 2003

PEREIRA, Marcos Emanuel. **Psicologia social dos estereótipos.** São Paulo: E.P.U., 2002

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca.** 4ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1993

**Jaqueline de Fatima Ribeiro:** Professora de Ensino Fundamental (CEAS). Graduada em pedagogia INFES – Universidade Federal Fluminense (2013), mestre em educação pelo PPGE-FEUFF (2016). Tem experiência em educação, com ênfase em educação Infantil e ensino fundamental (alfabetização), atuando nos seguintes temas: infância, cultura de pares, educação infantil e legado ancestral

**Eduardo Quintana:** Professor Adjunto da UFF, cientista social e pedagogo, mestre em educação e doutor em Educação. Fez Pós-doutorado em relações étnicas na UESB (ODEERE/PPGREC/UESB). Áreas de Interesse: Relações Étnicas e Educação; Sociologia da Educação; Educação, Legado Ancestral e Patrimônio.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**Artigo recebido para publicação em:** 30 de julho de 2020.

**Artigo aprovado para publicação em:** 03 de novembro de 2020.